

Representações do tempo e do espaço em *El llano en llamas*, de Juan Rulfo e *El trueno entre las hojas*, de Augusto Roa Bastos

Natacha Gomes de PAULA (Bolsista PIBIC – CAPES; Letras – UEMS - Dourados)
Dr. Paulo Henrique PRESSOTTO (Docente do curso de Letras – UEMS - Dourados)

RESUMO

Este artigo apresenta um diálogo entre as obras *El llano en llamas*, de Juan Rulfo e *El trueno entre las hojas*, de Augusto Roa Bastos, ambas publicadas no ano de 1953. Nesta análise, buscou-se elencar aproximações e diferenças em relação aos elementos da narrativa que compõem os contos de cada obra, de maneira mais específica como as descrições do espaço e do tempo que, aliados à circularidade, se juntam para a confecção de um mosaico de imagens e situações as quais se aproximam à realidade histórica, social e cultural dos países (México e Paraguai). A metodologia aplicada foi à bibliográfica, a partir da leitura das obras ficcionais, bem como o levantamento de textos teóricos que permitiram o aprofundamento do conhecimento a respeito do espaço e do tempo nas narrativas; além dos conceitos no âmbito da Literatura Comparada. Espaço e tempo tornam-se metáforas/imagens que demonstram a realidade social e psicológica dos indivíduos. O tempo, que está aliado à circularidade, transforma os contos em ciclos; existe um ir e vir que não permite o alcance imediato ou concreto de objetivos traçados no início da diegese. As obras são baseadas em sociedades que estão tentando recuperar-se de um pós-guerra (Do Chaco, no Paraguai; Cristera, no México), o que justifica a luta constante dos povos, caracterizados como subalternos. Sob o viés da literatura comparada, foi possível averiguar que as obras são testemunhas do seu tempo, que trazem à tona como os indivíduos atravessaram as dificuldades que a situação social e política impunham.

PALAVRAS-CHAVE: Juan Rulfo, Augusto Roa Bastos, Literatura Comparada.

A literatura comparada é um ramo de estudos o qual investiga duas ou mais obras, estabelecendo relações entre elas de interpretação da sua forma e conteúdo. No olhar de Tânia Carvalhal, “designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2006, p.6), os estudos permitem buscar, a partir de análises, pontos em comum, ou divergentes, de narrativas que possuem em sua forma características diversas, permite-se construir variados significados a partir de observações profundas das esferas que compõem as obras.

A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas principalmente, para saber se são iguais ou diferentes (CARVALHAL 1943, p. 7).

Nestas duas obras, *El llano en llamas*, de Juan Rulfo e *El trueno entre las hojas*, de Augusto Roa Bastos, o objetivo foi comparar o elo espaço-tempo, aliados à circularidade, que transmite, nos textos, significados profundos de sociedades conturbadas pela situação pós-guerra que vigorou durante anos nos países México e Paraguai. Espaço e tempo são elementos estruturais que possuem grande importância na narrativa, visto que possuem funções diversas, segundo D’Onofrio (2007, p. 82) “a topoanálise e a cronoanálise, em determinadas narrativas, podem levar à captação de uma significação autônoma”. Cada autor irá designar qual função esses elementos irão realizar em seus textos, podem ser espaço e tempo do narrador; espaço e tempo do protagonista; espaço e tempo do antagonista etc. Esses possuem articulações capazes de relevar os enigmas em cada entrelinha, são considerados elementos imprescindíveis para o estudo da narrativa literária.

A sequência de eventos e os agentes do texto narrativo situam-se necessariamente num espaço, num espaço físico e social, com os seus condicionalismos, as suas leis, as suas convenções e os seus valores - um espaço sempre interligado com o tempo, em particular com o tempo histórico, gerador e modificador da cultura (AGUIAR & SILVA, 1979, p. 603).

A obra *El llano en llamas*, escrita por Juan Rulfo, é composta por 17 contos com características regionalistas, são narrativas bem diretas, marcadas por uma linguagem coloquial, na voz dos personagens aparecem típicos termos regionais,

as temáticas abordadas estão relacionadas à morte, pobreza, descaso, abandono por parte do governo e violências. Em *El trueno entre las hojas* as 17 narrativas possuem temáticas parecidas, também de cunho regional e retratam as mazelas sociais vividas pela população. Os fatos são tratados de maneira realista, cada autor trabalha de forma diferente com o tempo e o espaço, porém esses elementos se tornam protagonistas responsáveis por transmitir, através de suas características, significados amplos.

Roa Bastos e Rulfo recriaram cenários políticos, sociais e culturais que permeavam a primeira metade do século XX. É a partir desses cenários socioculturais que os personagens se desenvolvem, esses se relacionam intrinsecamente com os elementos (espaço e tempo). O ponto alto das obras reside no fato de como o contexto histórico e social influencia a vida das pessoas que as compõe. A escolha destes autores e estas respectivas narrativas deram-se pelo fato de que cada uma demonstra, a partir de seus cenários micro, uma cultura macro hispano-americana com um mosaico de imagens e situações que se aproximam à realidade das nações.

Augusto Roa Bastos nasceu em Assunção, em 13 de junho de 1917 e quando criança muda-se para a cidade de Iturbe, um dos locais de inspiração para escrever grande parte dos contos do livro *El trueno entre las hojas*. A cidade onde viveu sua infância é base para descrever e elencar características do espaço aonde irá se passar a história de cada conto, mas não só esse elemento, como também as características dos personagens comparadas às pessoas que viviam ali e os acontecimentos que são revelados ao decorrer da diegese, como consta na entrevista feita a Rubén Bareiro Saguier, ao contar as experiências na vida de Roa Bastos desde a sua infância, e a influência para escrever suas narrativas:

Todas estas contradicciones de tipo social son las que por supuesto a esa edad, ni a los pocos meses, ni a los pocos años, yo no podía registrar, pero que están ahí, y que retrospectivamente fueron apareciendo en mi archivo de memoria [...] todo eso que después fue estímulo a la imaginación, el querer reproducir la parte mágica de la vida a través de las palabras, que vendría a ser la literatura (SAGUIER, 1989, p. 30,34).

Os fatores de uma vida dura e desgastante daqueles que viviam no campo, tendo como base a economia de subsistência, leva à opressão pela diferença de classe. Quando o capitalismo começa a adentrar o Paraguai é possível perceber esse cenário pelas características dos elementos da narrativa: espaço, tempo, personagens e enredo; todos bem elaborados despertando os sentidos do leitor para entender a verossimilhança dos contos. Esses que fazem todo panorama do caos da realidade em que viveu o autor num país entre guerras e sistemas opressores, citando a Guerra do Chaco, na qual Roa Bastos esteve presente trabalhando de enfermeiro quando tinha apenas 15 anos.

O segundo autor, Juan Rulfo, que nasceu dia 16 de maio de 1917, em Jalisco, no México, com sua família logo se mudou para San Gabriel onde começou seus estudos. Quando adulto, começou a trabalhar na revista *América*, famosa na época. Neste momento, publica alguns dos contos que estão presentes no livro já citado, antes de sua publicação em 1953. A vida de Juan Rulfo também foi rodeada de uma realidade conturbadora entre guerras e revoluções, um país de instabilidades sem um governo permanente, nas mãos de indivíduos indecisos a população tenta seguir a sua vida, guerra e fome juntamente com epidemias são cenários presentes na realidade do autor e são retratadas nas obras de ficção com as temáticas semelhantes. Em um artigo escrito por Sergio Lopes Mena, contido no livro *Toda la obra*, de Claude Fell (1996), há alguns dados sobre a rotina e influências do autor para escrever suas narrativas:

Las largas pláticas con los campesinos le proporcionan algunos de los datos que va a convertir en partes de sus argumentos literarios. No escribirá historia ni reportaje sino ficciones, cuentos, que presentarán personajes y hechos verosímiles: recreará la realidad del ranchero jalisciense en historias concentradas en cuantas páginas (FELL, 1996, p.503).

A pesquisa justifica-se pela proposta de análise comparativa entre as obras, no sentido de verificar como o tempo e o espaço que os circundam demonstram a essência de um projeto literário escrito na mesma época, capazes de revelar o real de determinada cultura. Inumeráveis estudos foram realizados sobre a obra de Rulfo (JOZEF, 1989; FRANCO 2001; entre outros) e muitos sobre Roa Bastos (BAZAN,

1979; PRESSOTTO, 2000; entre outros); no entanto, não há uma análise de comparação, relacionando tempo e espaço ao cenário social e político para demonstrar sentidos amplos de uma nação. Também vale constatar que Augusto Roa Bastos assume determinada admiração pelos escritos de Rulfo, como é descrito na obra de Rúben Bareiro Saguier: “Tengo pasión por los escritores antiguos [...] También Rulfo, por supuesto, qué escribió uno solo libro igualmente genial y único y último” (SAGUIER, 1989, p. 85).

Os objetivos deste artigo são, sobretudo, analisar cada conto das respectivas obras, apresentando os seguintes pontos: Estudar a relação dos aspectos formais, espaço e tempo da narrativa com as temáticas abordadas; Verificar de que forma a circularidade influencia no desenvolvimento das personagens no enredo; Enfocar traços históricos do México e do Paraguai na época da publicação desses livros, a fim de compreender também os contextos das histórias narradas; Destacar, dentro dos conceitos de identidade e cultura, a oralidade nas narrativas, estabelecendo diferenças e semelhanças entre elas também no que se refere à língua do colonizador e à do colonizado, verificar de que maneira e por que o silêncio está presente; Verificar como se dá a junção entre forma e conteúdo nas narrativas e seus efeitos ao alcançar uma crítica social e política na esfera cultural dos países.

Sobre os contos e seus respectivos elementos de constituição

Pode-se afirmar que esse gênero é uma narrativa curta, um recorte de determinado momento que, no decorrer da passagem do tempo, o enredo vai se revelando até um abalo na linearidade textual que traz consigo sentidos mais amplos e logo se tornam um enigma para o leitor investigar. Segundo Júlio Cortázar (2006), o conto pode ser comparado a uma fotografia:

O fotógrafo e o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não valham só por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 2006, p.151).

Estas narrativas não são responsáveis apenas por relatar algum acontecimento, em suas entrelinhas não há nada meramente gratuito, a ficção representa algo, tem significados amplos, há graus de afastamento e distanciamentos da realidade, mas cada palavra tem uma intencionalidade. A estrutura do conto influencia todas as ações dos personagens na *diegese*, “por isso, o tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa ‘abertura’” (CORTÁZAR, 2006, p. 152); a interação do aspecto formal e o conteúdo da narrativa revela o inesperado de variados contextos, no caso das obras estudadas relevam realidades de nações (México e Paraguai).

Os contos lidos do livro *El trueno entre las hojas* (1953) têm como títulos: 1. Carpincheros; 2. El viejo señor obispo; 3. El ojo de la muerte; 4. Mano Cruel; 5. Audiencia privada; 6. La excavación; 7. Cigarrillos “Máuser”; 8. Regreso; 9. Galopa en dos tiempos; 10. El karuguá; 11. Pirulí; 12. Esos rostros oscuros; 13. La rogativa; 14. La gran solución; 15. El prisionero; 16. La tumba viva e 17. El trueno entre las hojas. Os do livro *El llano en llamas* são: 1. Nos han dado la tierra; 2. La cuesta de las comadres; 3. Es que somos muy pobres; 4. Macario; 5. El hombre; 6. En la madrugada; 7. Talpa; 8. El Llano en llamas; 9. ¡Díles que no me maten!; 10. Luvina; 11. La noche que lo dejaron solo; 12. Acuérdate; 13. No oyes ladrar los perros; 14. Paso del Norte; 15. Anacleto Morones; 16. El día del derrumbe e 17. La herencia de Matilde Arcángel.

Cada uma destas histórias é contada de maneira distinta, porém todos os enredos possuem uma ligação, os acontecimentos entram em sintonia quando se reconhece a intencionalidade dos dois autores em retratar fatos com uma verossimilhança ao real, os pontos de interseção destas narrativas dão norte para entender a essência de cada obra, pois, segundo Piglia (2004 p.91, 94), “o conto é um relato que encerra um relato secreto [...] é construído para revelar algo que estava oculto”.

Do contexto histórico real ao contexto da narrativa

A década de 1900 foi conturbada em ambos os países de origem dos escritores, Juan Rulfo foi afetado e vivenciou as mazelas que ocorreram no México, enquanto Augusto Roa Bastos esteve presente no contexto paraguaio exatamente na mesma época, visto que ambos nasceram no ano de 1917. Os contos de Rulfo abrem um ciclo para desenvolver todo relato da história mexicana, assim como os de Roa Bastos que revelam atrás do cenário de um povoado todo contexto histórico paraguaio durante um período.

A revolução mexicana foi um grande movimento que ocorreu entre 1910 e 1917, um de seus objetivos era a reforma agrária, esse evento tem reflexos em alguns contos da obra de Rulfo que demonstra a miséria dos *campesinos* (os personagens); estes receberam uma terra que não lhes servia de nada. Cada história é responsável por revelar as consequências não só desta revolução, mas também a “Guerra Cristera”, que ocorreu posteriormente. Os personagens (individualmente) mostram qual é a real situação de toda a população mexicana, quais as condições de sua existência. Esta revolução está relacionada aos posteriores desdobramentos da “Guerra Cristera” (1926-29): [...] “los revolucionarios en términos generales cada vez que tuvieron oportunidad de castigar y hostilizar a la Iglesia católica, lo hicieron sin contemplaciones.” (RAMÍREZ PADILLA, 2007, p. 18 apud BELTRAN LOPÉZ, 1987).

A obra de Roa Bastos traz fatos que o autor vivenciou desde sua infância na cidade de Iturbe (Paraguai) e momentos que têm por reflexo a “Guerra do Chaco” (1932-35); Segundo a entrevista contida no livro Augusto Roa Bastos, por Rubén Bareiro Saguier (1984), algumas experiências de sua infância e adolescência foram inspirações para escrever os contos narrados. O lugar em que se passa a *diégese* dos contos é espelho do povoado de Tebukuary-Guasú, onde o autor cresceu. Os sinais da Guerra estão incrustados nos fatalismos que os personagens enfrentavam, em suas lutas diárias. Roa Bastos aborda este fato em seu livro:

Claro que hay violencia en este libro primerizo. Pero menos que en la realidad que sirve de soporte [...] pero más allá de la violencia- que de manera alguna es gratuita- hay en estos cuentos la fuerza de lo vivido, de lo sufrido [...] está todo el mundo de la infancia – entre sueño y pesadilla –

en el ingenio azucarero de Santa Clara [...] el libro explota, vomitando años de censura sorda, auto represión, de rabia, de sufrimiento, de exilio injusto” (SAGUIER, 1984, p. 112).

Os traços destas realidades podem ser visualizados nitidamente pelo leitor nos seguintes contos: “Nos han dado la tierra” e “El viejo señor obispo”, que estão contidos no livro *El llano en llamas* (1953). O primeiro irá retratar a miséria e o descaso aos *campesinos*, num contexto pós-revolução, em que certamente pela má divisão de terras, pela reforma agrária, receberam um lote que não lhes dará nenhum retorno financeiro, que possibilite uma melhora na situação atual de suas vidas. É um espaço totalmente inapropriado para produção agrícola, logo não trará nenhum benefício aos trabalhadores. O segundo, por sua vez, possui uma crítica ao descaso do Estado para com a população mais pobre, e a rivalidade entre os homens do Governo e as entidades religiosas que buscam ser justas, segundo suas crenças; são contra as atrocidades praticadas pelos que detém poder, terminando por ficar a margem da sociedade juntamente com os que ele tanta defender.

O conto “La excavación”, presente no livro *El trueno entre las hojas* (1953), se aproxima do drama real do Paraguai, de toda situação de sofrimento que a “Guerra do Chaco” impunha aos sujeitos de todo o país. Perucho Rodí, ex-combatente, estava aprisionado ao terminar a guerra, tem a ideia de escavar um túnel, que era a única saída para a liberdade, mas logo se viu fracassar em suas tentativas de escavar aquele grande buraco negro, ficou isolado dos demais presos após um desmoronamento que lhe provocou uma asfixia, começando a delirar. Os momentos da guerra, as disputas, as mortes e as vítimas eram suas recordações que muitas vezes se confundiam em reais e irreais. O túnel que era a única esperança para a vida, acabou lhe trazendo a morte. Muitos indivíduos da sociedade paraguaia lutaram sem cessar com a mesma finalidade deste personagem, a liberdade, porém o destino de muitos foram o fracasso e a morte, e Roa Bastos traz essa realidade em seus contos, como forma de recordação e memória de um povo.

As representações do espaço e do tempo, aliados à circularidade

As articulações tempo e espaço se apresentam como fatores de extrema importância para o desenvolvimento do enredo de cada conto, para Dimas (1994, p.5), “o espaço pode alcançar estatuto tão importante quantas outras categorias da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura, etc.”, pois é através deste espaço que os personagens desenvolvem suas ações e esse não possui apenas a função de trazer as características geográficas do local onde ocorrem os fatos, mas também exprime formas e sentidos múltiplos. Segundo o autor (1942, p.20), exige-se do leitor perspicácia e familiaridade com a literatura para que o espaço puro e simples (o quarto, a sala, a rua, o barzinho etc.) seja entrevisto em um quadro de significados mais complexos, para que, dessa forma, possa desvendar os possíveis enigmas existentes nos contos.

A percepção do tempo se dá tanto pela descrição do psicológico dos personagens, quanto na passagem linear do tempo cronológico, as características do ser e do espaço podem possibilitar sua percepção. As estações do ano, a morte, o envelhecimento são marcas temporais presentes em narrativas; para Mendilow (1972, p. 35), “o tempo afeta cada aspecto da ficção: o tema, a forma e o *medium*-a linguagem”. O leitor deve compreender que o enredo gira em torno desse elemento e que as ações dos personagens podem estar submetidas à passagem temporal, que pode ser linear ou cíclica.

Ao comparar as duas obras, foi possível observar os elementos (espaço e tempo) essenciais para compreender as temáticas que cada autor decidiu abordar em seus contos; logo esses se tornam protagonistas para esboçar dimensões simbólicas. Os contos em que é bem explícita essa afirmação são: “Talpa” e “Luvina”, pertencentes ao livro *El llano en llamas* (1953); como “El prisionero” e “La rogativa”, em *El trueno entre las hojas* (1953). Esses contos que elegemos, como *corpus*, são histórias aparentemente “simples”, porém magistralmente narradas, em que são empregados recursos micros que revelam sentidos macros de suas nações, a partir das representações do espaço e do tempo, como também da circularidade, que muitas vezes deixa o personagem retido a uma ação e lhe impede buscar renovações em sua vida.

“Talpa”

O conto trata da história dos dois principais personagens Natalia e Tanilo, mais o narrador. O autor o inicia usando o recurso denominado *prolepse* que, segundo Nunes (1995, p.32), é a “forma de discordância entre duas ordens temporais”. Ele começa com os acontecimentos após a ação principal, a viagem até a cidade de Talpa. As personagens foram rumo ao local, onde há uma santa milagrosa, denominada “Virgen de Talpa”. A ida é um pedido, feito há muito tempo, por Tanilo, que está com várias feridas em seu corpo e tem fé que somente ela irá curá-lo: “para eso quería ir a ver a la virgen de Talpa; para que ella con su mirada le curara sus llagas” (RULFO, 1953, p. 50).

Ao chegar à cidade, Tanilo viveu pouco e veio a falecer devido à doença que se aliou ao cansaço da viagem de praticamente um mês a pé. O espaço e tempo são bem marcantes, se tornam empecilhos para a cura da personagem que, muitas vezes, pensa em desistir da caminhada porque se esforça muito para vencer o calor e encontrar o caminho certo para chegar até Talpa. A dificuldade encontrada no caminho é reflexo do que já vinha acontecendo, a traição de seu irmão, o narrador da história, que mantinha um caso com Natalia. A morte de Tanilo parecia ter sido almejada pelos amantes.

Tardamos veinte días en encontre el camino real de Talpa [...] aquel camino ancho parecido a la corriente de un río, que nos hacía andar a rastras, empujados por todos lados como si nos llevaran amarrados en herbras de polvo [...] Y arriba de esta tierra estaba el cielo vacío, sin nubes, solo el polvo; pero no da ninguna sombra (RULFO, 1953, p. 53).

O tempo é marcado pela circularidade, a repetição de dias muito parecidos, as horas que pareciam não passar, só aumentavam as angústias dos personagens,

O narrador de Rulfo (1953, p. 54) cita “Luego los días fueron haciéndose más largos. Habíamos salido de Zenzontla a mediados de febrero, y ahora que comenzaba marzo amanecía muy pronto”. Esse contexto se aproxima da realidade mexicana, em suas constantes lutas pela sobrevivência em meio à seca, à falta de condições para a cura de doentes, o que lhes restava era apenas a fé, que está presente em todo enredo; são muitas as pessoas que estão traçando o caminho entre Zenzontla e Talpa em busca de algum milagre em suas vidas.

No seguinte trecho “Y yo comienzo a sentir como si no hubiéramos llegado a ninguna parte, que estábamos aquí para descansar, y que luego seguiremos caminando, no sé para dónde, pero tendremos que seguir” (RULFO, 1953, p. 58), há uma metáfora sobre o ciclo da vida, e que todo indivíduo está suspenso nele, não se sabe qual caminho irá seguir, nem por quanto tempo; nesse sentido, a partir das entrelinhas, nota-se não só a representação do contexto real mexicano, mas também de todo ser humano.

“Luvina”

Narrada em primeira pessoa, a narrativa apresenta um protagonista que recorda os momentos em que viveu na cidade de Luvina, representada por características fantasmagóricas, sendo responsável por deixá-lo na situação presente de ali estar, permanecer. Em todo o relato, ele conta a outro homem sua história. Este homem, com pretensões de viver na cidade, permanece em silêncio durante o diálogo. A descrição do espaço segue durante quase todo o conto e ele é responsável por grande parte da degradação do homem que ali vive.

Nunca verá usted un cielo azul en Luvina. Allí todo el horizonte está desteñido; nublado siempre por una mancha caliginosa que no se borra nunca [...] Sí llueve poco. Tan poco casi nada, tanto que la tierra, además de estar reseca y achincada como cuero de viejo [...] Luvina es un lugar muy triste [...] donde no se conoce la sonrisa, como se toda la gente le hubieran entablado la cara (RULFO, 1953, p. 103- 104).

A passagem do tempo interfere diretamente no desenvolvimento do personagem, visto que ele relata ter ficado perdido durante sua estadia. As características descritas são marcações de tempo que revelam os estágios em que

a pessoa está: “Allá viví. Allá deje la vida... Fue a ese lugar con mis ilusiones cabales y volví viejo y acabado” (RULFO, 1953, p. 105). A temporalidade interfere de modos diferentes em cada sujeito, Luvina é o retrado de cidades que foram devastadas e que logo foram abandonadas, principalmente pelos mais jovens.

En Luvina solo viven los puros viejos y todavía los que no han nacido, y mujeres sin fuerzas, casi trabadas de tan flacas [...] Solo quedan los puros viejos y las mujeres y las mujeres solas, o con un marido que anda dónde solo Dios sabe dónde (RULFO, 1953, p. 109).

Há uma circularidade na construção da narrativa, no âmbito da descrição dos fatos, “usted ha de pensar que le estoy dando vueltas a una misma idea.” (RULFO, 1953, p. 109), que ocorrem pelo próprio plano da história, de como as coisas realmente eram na realidade da cidade. Havia um ir e vir dos mais velhos e jovens, eles não permaneciam, não visualizavam retorno que possibilitasse evoluir, como na realidade mexicana. Muitos, após as guerras e revoluções, iam à busca de outros rumos a fim de engajar-se em algo que trouxesse mudança pessoal e social.

Se oye un murmullo en todo el Pueblo cuando regresan y uno como gruñido cuando se van...Dejan el costal de los bastimentos para los viejos y plantan otro hijo en el vientre de sus mujeres, y ya nadie vuelve a saber de ellos sino al año siguiente, y a veces nunca (RULFO, 1953, p. 109).

Há uma crítica às questões governamentais por conta do descaso e abandono da população. O narrador descreve um diálogo que teve com moradores mais antigos do local, questionava o porquê não iam para outro local, já que não há nenhum desenvolvimento na cidade; eles encaravam como destino e permaneciam pelos seus entes, que vivem e morrem em Luvina. A crítica aparece em uma fala do personagem: “El señor ese solo se acuerda de ellos cuando alguno de sus muchachos ha hecho alguna fachería acá abajo. Entonces manda por él hasta Luvina y se lo matan” (RULFO, 1953, p. 109). Nesta questão, há um aspecto temporal-circular, pois, ao passar dos anos, essa realidade ainda permanece em muitas nações, geralmente os que estão à margem da população não tem voz, só são ouvidos quando resolvem lutas por alguma causa. O conto de Roa Bastos, “El trueno entre las hojas”, possui uma crítica que envolve esta temática.

“El prisionero”

Este conto gira em torno de alguns acontecimentos da “Guerra do Chaco” e como essa trouxe diversas consequências para a sociedade paraguaia. Todo conflito levava os indivíduos a correr riscos de vida. A morte e a violência são refletidas pelos personagens e também pelo espaço, ambos são afetados por esse ciclo de acontecimentos marcantes: “El destino de familias enteras quedo sellado por el color de la divisa partidaria del padre e de los hermanos. El trágico turbión asoló cuanto pudo. Era el rito cíclico de la sangre” (ROA BASTOS, 1953, p. 163).

O espaço onde o enredo se desenvolve é um rancho que foi incendiado durante essas disputas. O fato é colocado como resultado dessa grande luta, ou seja, o espaço que se torna a extensão de significados que vão além da ficção “El rancho incendiado, en medio del monte, era un escenario adecuado para las cosas que estaban pasando” (ROA BASTOS, 1953, p. 163). Este é o local onde habitavam os últimos revolucionários e se destaca por ter, em cada detalhe, resquícios de uma disputa violenta.

Por estas huellas venia el recuerdo de la vida. Los soldados nada significaban; las automáticas, los proyectiles, la violencia tampoco. Sólo esos detalles de una desvanecida ternura contaban. A través de ellos se podía ver lo invisible: sentir en su trama secreta el pulso de lo permanente. Por ente las detonaciones, que parecían a su vez el eco de otras detonaciones más lejanas (ROA BASTOS, 1953, p.164).

Em relação ao tempo, a narrativa estrutura-se com base em certa circularidade. Os personagens estavam presenciando aquele cenário de incêndio havia três noites, e lutavam contra o sonho e a lucidez por conta do cansaço das constantes lutas e “La caza humana no daba señales de acabar todavía” (ROA BASTOS, 1953, p.165). O narrador vai descrevendo o passado daqueles homens que ali estavam, quais eram suas funções durante a guerra, com isso vai manipulando o enredo, usando o recurso do retrospecto, que segundo Nunes (1995, p.32) “é feito numa exposição separada, interrompendo a ação principal, que volta ao seu curso quando aquela termina”. É usada para ligar fatos ocorridos anos antes, ligando os personagens à ação atual, que era ficar de guarda dos inimigos pegos

durante os entraves.

Ao final o que gerou surpresa em Hugo Saldívar, personagem principal, foi que, em meio aos seus delírios, lembrando sua família, o homem que ele vigiava era seu irmão e por não saber o que fazer para ele não fugir, pensando ser um inimigo, sua única solução foi enterrá-lo vivo, gerando a morte do sujeito. O arrependimento veio logo depois, foi encontrado morto também, o tempo de sua vida foi adiantado e “Tenía el cabelo completamente encarnecido y de su rostro había huído toda expresión humana” (ROA BASTOS, 1953, p.169). A descrição do personagem pode revelar o que o passar dos anos, envolvido neste círculo de disputas, ocasiona em suas características físicas e psicológicas.

“La rogativa”

O conto está dividido em cinco pequenos capítulos, cuja personagem central é Poilú. Todo povoado onde ela vive está sofrendo pelas implicações que o meio, ou seja, o espaço impunha sobre eles. Há um prolongamento do período da seca e tudo está escasso: “La tierra estava dura e resseca [...] Era el reclamo que reinaba en todas las partes; un clamor seco y crepitante. En la tierra, en las hojas, en la gente” (ROA BASTOS, 1953, p.143). As ações dos personagens caminham de acordo com as possibilidades que essa seca os proporciona; logo, tudo irá ser influenciado pelo espaço.

Há uma chama que se acende em meio aos personagens, todos começam a seguir vigorosamente a religião, pois esta é a única esperança para acabar com a tensão entre morte e vida que estão vivendo: “No quedaba otra cosa que esperar y rezar. Los que estaban más apurados se iban muriendo [...] la angustia y la desesperación habían hecho retoñar vigorosamente la fe de la población. .” (ROA BASTOS, 1953, p.144). Poílu, uma menina inocente, sofre as angustias da sede e da fome, juntamente com as demais crianças de Santa Clara. Todas elas estão em meio a uma miséria absoluta e só lhes restam comer terra. Nestas passagens do conto, verifica-se um tempo real e desesperador, de resistência tanto física quando

psicológica dos indivíduos que estão inseridos nesta realidade. Resta somente um sentimento, a esperança, por dias e tempos melhores.

A marcação do tempo é em ciclos, são dias e dias revivendo a mesma sensação de desespero, de desejo de libertação. O único caminho possível apresentado na narrativa é a busca pela religiosidade, que se torna o único caminho para se sobressair; seria como se os males que todo contexto vivenciado pelas guerras e mortes estivesse retornando e a redenção seria a busca pelo perdão de Deus.

Hacía cinco días que había comenzado la rogativa y ella no iba a cesar hasta que el cielo se apiara de los pobladores de Santa Clara [...] Eso comenzaba desde la salida del sol, casaba un rato a mediodía y volvía a la tarde, después de la sesteada del cura, hasta la puesta del sol (ROA BASTOS, 1953, p.145).

Logo o narrador expõe que “Las ovejas más negras habían vuelto al redil [...] todos querían ponerse bien con Dios en el momento de la prueba.” (ROA BASTOS, 1953, p.144). A confiança em Deus e as aclamações por sua misericórdia seria a única saída, segundo suas crenças, para que as suas necessidades fossem atendidas.

Puilú é um símbolo. Após sua morte a liberdade da fome e da seca chega até a população. Este personagem vivia em meio à confusão, entre crer ou não na religiosidade. Sua mãe participava das orações para pedir a mudança do tempo, mas um colega Felipe, que tinha outras crenças, lhes contava que só choveria quando uma flor florescesse no campo: “Cuando en el plan del arroyo florezca un Yasy-moroty” (ROA BASTOS, 1953, p.146). A influência que Felipe tinha sobre a garota a deixa confusa, pois ela possui uma inocência infantil a respeito do que é certo ou errado. Ele, por sua vez, é julgado pela sua morte e termina morto apedrejado pela comunidade.

Y tan absortos están que no se han fijado en el cielo del Poniente. No se dan cuenta de que sobre el sudor que mana adentro, del odio, de la fatiga homicida, están cayendo las primeras gotas de un caliente aguacero [...] Lloverá toda la noche. Tal vez durante días. (ROA BASTOS, 1953, p.152).

O constante sofrimento faz com que a população mate Felipe sem as reais provas de que ele seria o responsável pela morte de Puilú. Há uma contradição entre essas atitudes, pois, logo após esse ato de violência, todos se dirigem até a igreja para agradecer pela chuva, dando a entender que toda essa influência de espaço, tempo e circularidade impõe ações emergentes. A fé e a vingança são resultados das situações impostas por esses elementos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, foi possível compreender o quão relevantes são essas duas obras, e como elas se aproximam, no âmbito dos temas político, histórico e social da realidade de seus países, que passaram por cenários parecidos de guerras e revoluções, na primeira metade do século XX. Autores como Rulfo e Bastos, que participaram de algum modo dos momentos de luta e busca por direitos, relatam, a partir de seus contos, as mazelas de sociedades latino-americanas. Com essas histórias, prova-se que a literatura é um meio que torna possível reconhecer realidades passadas, ajudando-nos a compreender o presente.

Os elementos da narrativa, espaço e tempo, foram essenciais para compreensão de sentidos relacionados aos contextos do Paraguai e do México, ou seja, a junção de forma e conteúdo devem andar entrelaçadas de modo que todos os acontecimentos sejam compreendidos. Segundo Salles (1998, p.73), “se o conteúdo determina a forma, esta, por sua vez, representa o conteúdo. O conteúdo manifesta-se através da forma, pois a forma é aquilo que constitui o conteúdo.” A questão da circularidade, um aspecto da forma, torna possível entender como era a vivência dos indivíduos diante dos cenários de luta diária, massacres, violências e mortes que estavam sempre presentes. O tempo, sendo condensado em horas, dias e meses intermináveis, e o espaço obstruído, são representações de quão afetadas essas sociedades foram pelo sofrimento dos constantes embates.

Os enredos possuem elementos da realidade, contém marcas da história de países, por isso outro quesito, que foi possível observar, se refere às marcas de

oralidade, o que torna as obras objeto de denúncia, dando voz aos sujeitos pós-coloniais que, durante anos, estiveram submetidos ao colonizador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, V.M. de. *Teoria da literatura*. 3ed. Coimbra: livraria Almedina, 1979.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1997.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronopio*. São Paulo: Perspectiva, 2006;

DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1994;

D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

MENDILOW, Adam Abraham. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: Globo, 1972.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1991.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Cia das letras, 2004.

RAMÍREZ PADILLA, Marco Fabrizio. *La guerra de religión en México (1926-1929)*. México: Palabra de Clío, A. C. 2007.

ROA BASTOS, Augusto. *El trueno entre las hojas*. Asunción: El Lector, 1997.

RULFO, Juan. *Toda la obra*. Edición crítica, Claude Fell (coordinador). Madrid; París; México; Buenos Aires; São Paulo; Río de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

SAGUIER, Rubén Bareiro. *Augusto Roa Bastos*. Montevideo: Ed. Trilce y Editions Caribéennes, 1989.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processos de criação artística*. São Paulo; FAPESF: Annablume, 1998.